

Índice

Ilustrações	14
Agradecimentos	17
Prefácio	19
Cronologia	23

PARTE I — FICÇÃO

Inverno e Magia	33
Trixie e o Balão	33
A Tia Rennie e os Duendes	34
O Tapete do País dos Livros	35
Canção de Primavera	36
O Lago na Primavera	36
O Túmulo da Múmia	37
No Apartamento do Último Andar	41
Uma Manhã de Maio	45
Vitória	46
O Passaporte de Mary Jane	47
Uma Manhã na Ágora	50
Das Memórias de Uma <i>Baby-Sitter</i>	51
O Fim Miraculoso da Mna. Minton	53
As Emocionantes Viagens de Um Péni	54
A Vista do Sótão	58
Sarah	63
A Visita	66
A Ilha: Uma Peça Radiofónica	70
Gramercy Park	76
Calor	79
O Limiar	82
Neste Campo Que Atravessamos	85

Entre o Tropel de Sombras	93
O Rio Escuro	97
Vento Leste	101
Lugar: Um Quarto, num Sábado à Noite, em Junho	105
Lugar: Esquina de Rua numa Cidade à Chuva	107
Lugar: Dentro de Um Autocarro numa Noite Chuvosa	109
E o Verão nunca mais Voltará	111
Um Dia de Junho	115
O Rochedo Verde	118
Primeiro Encontro	125
A Rapariga Nova	127
A Bicicleta Inglesa	131
Cova dos Leões	135
Cuidado com a Minha Linha!	141
Lugar no Mundo	143
A Situação Perfeita	152
Mary Ventura	159
O Letão	168
“Embora as Dinastias Passem”	173
O Domingo dos Mintons	178
Marie	189
O Novo Dia	192
Iniciação	201
Diálogo	210
Mary Ventura e o Nono Reino	223
Entre os Abelhões	236
Menti por Amor	242
O Super-Homem e o Fato Novo da Paula Brown	276
A Nossa Casa É onde Está o Coração	282
O Amanhã Começa hoje	289
O Dia em Que Morreu o Sr. Prescott	294
Línguas de Pedra	302
Verão de Platina	309
O Coração do Natal	326
Aquela Viúva Mangada	343
Os Nossos Mortos Queridos	362
A Caixinha dos Desejos	370
O Piano Azul-Esfumado	377

Uma Revolução na Cozinha da Sra. Cherry	388
Rapaz de Pedra com Golfinho	395
Zé Susto e a Bíblia dos Sonhos	419
A Águia de Quinze Dólares	435
O Sombra	449
Menina Bonita e os Homens das Goteiras	458
Sobre a Curva do Rio	469
As Filhas da Rua das Flores	475
O Fato do Tanto-Faz-Como-Fazia	492
O Quinquagésimo Nono Urso	500
A Pedra da Sorte	511
Dia de Êxito	522
Rapariga-Sombra	535
Conto de Inverno	545
Mães	557

PARTE II — NÃO FICÇÃO

Passeio no Rio Lovell	571
Notícias das Escuteiras: Festa de São Valentim do Grupo 5	571
Raparigas do Sétimo Ano	572
Alinhamento da Assembleia: 30 de Janeiro	572
Relatório da Unidade Enseada	573
Notícias do Terceiro Ciclo	574
Atividades do Clube: Clube de Leitura Recreativa e dos Amantes de Livros	576
Atividades do Clube: Amantes de Livros	576
Apresentando...	577
A Ameaça Atómica	578
Quem São Eles???	579
Pontos Altos do Liceu	580
Quando Tiver Filhos	581
Editores do <i>Bradford</i> na Boston Tea Party!!	581
Apelo Juvenil à Paz Mundial	583
O Sabor Internacional	584
Recompensas de Um Verão na Nova Inglaterra	586
Em Retrospectiva: Um Apelo à Moderação	588
O Ponto de Vista de Uma <i>Baby-Sitter</i>	591

Noturno Suburbano	595
Alguém e Nós	598
Ver ou não Ver Televisão	603
Sê Meu... Por enquanto	604
O Verão Ideal	605
<i>Smith Review</i> Renasce	609
Juntamos Forças: Elizabeth Bowen e Sylvia	612
Poetas no <i>Campus</i>	612
A Última Palavra da <i>MLLE</i> sobre a Faculdade	615
O Professor Neilson	615
Artigos para o Concurso Prix de Paris da <i>Vogue</i>	617
Vida Social sem Sororidades: Um Perfil do Smith College	626
As Artes na América: 1954: Colagem de Uma Universitária	631
Chá com Olive Higgins Prouty	642
Vistas de Cambridge	647
Sylvia Plath, Bolseira Fulbright, Descreve as Suas Impressões como...	
Uma Americana em Paris	651
Smith College em Retrospectiva	655
B. e K. no Claridge	657
Carta de Cambridge	663
Sylvia Plath Visita as Lojas e Prevê a Moda da <i>May Week</i>	665
Álbum de Um Verão Espanhol	667
Dia da Lembrança em Cambridge	670
Época das Ameixas-da-Praia no Cape Cod	677
A Cozinha da Figueira	679
Um Passeio até Withens	683
Observar os Ratos-dos-Lameiros	686
Mosaicos: Uma Tarde de Descoberta	690
Explorações Levam a Descobertas Interessantes	692
Introdução	693
“Contexto”	694
Uma Comparação	695
A Visão Geral	698
A Ofensiva da Neve	702
Paisagem de Infância	711

PARTE III — COMISSÃO DE IMPRENSA DO SMITH COLLEGE

Diz que o Capitalismo Pode Salvar a Ásia	721
Benefícios da Escrita Satírica	722
Raparigas de Smith Fazem Exames de Acesso à Função Pública	723
A “Saúde Verdadeira” Foi Tema de Palestra na Faculdade	723
Diz que a Música Pode Ilustrar a Vida Cultural de Uma Nação	724
A Fé Universal Tem a Resposta, Diz o Dr. Niebuhr	725
“Crise” É o Tema do Dr. Niebuhr em Northampton	727
Alunas de Smith Utilizam o Koffee Klatch	728
Dr. A. Gesell Dá Palestra para a Associação de Pais e Professores da Creche	729
“Perseguições Ideológicas” Ameaçam Liberdade, Afirma Struik	730
Segundo Programa da Universidade da Vida Previsto para Domingo	731
O Rev. Sr. Roberts Será o Orador das Vésperas	731
A Miséria do Homem Deve-Se aos Seus Defeitos	732
O Marxismo Procura Substituir Deus, Diz Orador	733
Smith Ouve Frost em “Musa e Pontos de Vista”	734
Frost Faz Leitura de Poesia	734
Smith College	735
A Queda de Ogden Nash para a Rima Compensa a Sua Queda quanto a Talento	736
Ogden Nash como Orador	737
Biblioteca de Smith Expõe “Coleção Fanny Fern”	738
15 Raparigas Locais Vão Licenciar-Se no Smith College a 9 de Junho	739
Receção de Boas-Vindas das Novas Alunas do Smith College	741
Novas Alunas de Smith Vão Conhecer Sacerdotes Locais	742
Podem Alugar Reproduções	742
Eventos em Smith	743
Grupos Religiosos Abrem Centro	743
Clube Excursionista de Smith Vai de Bicicleta até Hatfield	745
Variado Programa Religioso e Cultural Previsto para Alunas do Smith College	746
Primeiro Recital no Smith College É Domingo às 20h30	747
Smith College Organiza Clínica	747
Aplausos e Vaias Prometidos para Jogo de Smith	748
Baile no Fim de Semana	749
Smith Organiza Clínica de Escrita	750

Mais de Uma Centena de Variedades de Crisântemos Serão Vistas na Estufa Lyman	751
Sra. L. Diem de Colónia Visita Smith	752
Nova Edição Revista da <i>Smith Review</i> Tem Artigos de Alunas	752
Grupo da Faculdade Vai Debater a 11 de Fevereiro	753
Angariação de Fundos para Hinários no Smith College	754
Páscoa Judaica Será Marcada Segunda-Feira no Smith College	755
Demonstração de Técnicas de Esgrima	756
Xisto com 400 Milhões de Anos no Laboratório de Smith	756
John Mason Brown Fala sobre a Responsabilidade do Escritor	757
Oradores Literários Marcam Simpósio no Smith College	759
Laughton Enfeitiça o Público com Leituras	760
Grupo Cristão de Smith Destaca Conquistas	761
Atividades ao Ar Livre do Smith College na Tarde e na Noite de Sábado	762
Peça do Smith College Encanta Público de ‘Hamp	764
Aluna do Terceiro Ano Nascida na Áustria Alista-Se no Corpo de Fuzileiros Navais: “Mal posso esperar por lá chegar”	765
Muitas Raparigas Locais entre as 464 Que Vão Receber Diplomas no Smith College a 8 de Junho	768
14 Faculdades Vão Participar em Festival de Leitura de Poesia	771

PARTE IV — RECENSÕES A LIVROS

Os Tesouros da Mna. Palmer	775
Recensão a <i>The Stones of Troy</i> , de C. A. Trypanis	776
A Conversão do General Jodpur	783
Um Par de Rainhas	786
Retângulos	787
Original do Oregon	789
Anjo Sofredor	793
Sylvia Plath sobre <i>Contemporary American Poetry</i>	795

APÊNDICE I — FRAGMENTOS DE CONTOS

Pó de Fada	803
“Há cerca de um ano, estava a tomar conta dos filhos”	820
“Duas ou três cadeiras e uma mesa...”	822

“A música saía em altos berros do rádio...”	823
Ideias para Contos	824
Irene	825
Sally	826
A Festa ao Ar Livre	826
Um Serão em Casa dos Hoftizers	827
“O espinafre da Nova Zelândia estava bom nessa manhã...”	828
“Os patinadores”	832
O Meu Romance no Ateliê	837
“Sassoon vinha...”	839
A Capela Matisse	842
A Rapariga de Serviço	845
O Touro Preto	846
Lembra-Te do Boneco-Palito	848
Uma Tarde em Hardcastle Crags	850
O Homem Invisível	852
Vénus na Sétima Casa	858
Colina dos Leopardos	880
Operação São Valentim	882
O Caso da Lavandaria Automática	885
A Sra. McFague e a Rapariga da Jarra em Forma de Espiga de Milho	890
Fugitivo	892
Parque das Filhas da Revolução Americana	894
Duas Raparigas Gordas em Beacon Hill	896
Um Panorama de Cornucopia	897
A Múmia	904
“Alison”	905

APÊNDICE II

Os Adolescentes Podem Moldar o Futuro	908
Bibliografia de Prosa Publicada	909
Autorizações	917

PARTE I

Ficção

Sewanee A

Published in Sewanee Review

Sylvia Plath
Suite 61
9 Willow Street
Boston 8, Massachusetts

THE FIFTEEN DOLLAR EAGLE

~~(Conversation Piece At Carmey's)~~

There are other tattoo shops in Madigan Square, but none of them a patch on Carmey's place. He's a real poet with the needle-and-dye, an artist with a heart. Kids, dook bums, the out-of-town couples in for a beer ~~(and a view of Ind. Inu with the rattlesnake g-string and the rhinestone navel)~~ put on the brakes in front of Carmey's, nose-to-the-window, one and all. You got a dream, Carmey says, without saying a word, you got a rose on the heart, an eagle in the muscle, you got the sweet Jesus himself, so come in to me. Wear your heart on your skin in this life, I'm the man can give you a deal. Dogs, wolves, horses and lions for the animal lover. For the ladies, butterflies, birds of paradise, baby heads smiling or in tears, take your choice. Roses, all sorts, large, small, bud and full bloom, roses with name scrolls, roses with thorns, roses with dresden-doll heads sticking up in dead center, pink petal, green leaf, set off smart by a lead-black line. Snakes and dragons for Frankenstein. Not to mention cowgirls, hula girls, mermaids and movie queens, ruby-nippled and bare as you please. If you've got a back to spare, there's Christ on the cross, a thief at either elbow and angels overhead to right and left holding up a scroll with "Mount Calvary" on it in Old English script, close as yellow can get to gold.

Inverno e Magia

Manuscrito, c. 1940–I, New York Public Library*

A neve derramava-se sobre as vilas mais pequenas. Era véspera de Natal à noite. Toda a gente na vila ceava, exceto numa casa em que as persianas estavam rasgadas; não saía fumo da chaminé. Lá dentro, quatro crianças e uma desgraçada mãe partilhavam uma côdea de pão, com uma só vela no centro da mesa.

Ao lado da família pobre, numa casa imponente, havia uma criança, uma mãe e um pai, muitos convidados, e toda a comida que se pudesse imaginar. A criança era vaidosa e convencida, e vestia as roupas mais luxuosas. Terminada a ceia, toda a vila foi dormir. Na manhã de Natal, ao acordar, a família pobre descobriu um pão inteiro sobre a mesa. Ultrapassada a alegria, comeram um pedaço do pão e descobriram, para grande surpresa e júbilo, que a côdea era logo substituída por outra! Assim, o seu armário estaria sempre cheio. Quanto aos ricos, não sei o que lhes aconteceu, mas de certeza que é muito desagradável viver com eles.

Trixie e o Balão

Dactiloscrito, 1942, New York Public Library

Trixie era a ursinha de peluche amarela de Warren, e um membro muito importante da sua família.

Certa noite, decidiu dar um passeio, porque o ar primaveril estava muito perfumado e fresco. Ao seguir por um pequeno caminho que ia dar ao bosque, vislumbrou um reflexo vermelho entre as árvores.

Aproximou-se para investigar e viu um cestinho com um balão vermelho em cada pega, que puxava o ramo de trepadeira que o prendia ao chão.

Espantada com o que viu, Trixie ficou parada a olhar. Depois disse para consigo: — Deve ser uma das aeronaves das fadas, acho que vou dar uma volta. — Saltando lá para dentro, soltou a trepadeira e lá foi ela.

* Assinado em baixo: “Por Sylvia Plath / 8 anos.”

O balão foi alegremente levado por uma suave brisa. De repente, ela olhou para baixo. — Meu Deus — disse, boquiaberta —, estou a cair, o ar está a sair aos poucos do meu balão e há uma enorme poça por baixo de mim. Será o fim, vou afogar-me?

Como sabem, os ursinhos de peluche odeiam água, o que era o caso de Trixie. Embora não o soubesse, estava mesmo por cima do quintal de Warren. Tinha chovido na noite anterior, por isso havia uma poça ali.

Nesse preciso momento, avistou Puck, um dos seus melhores amigos feéricos, a navegar num ninho de pássaro transformado em barco.

— Socorro, Puck — gritou. — Salva-me.

— Salta para o meu barco. Eu salvo-te — respondeu-lhe ele.

Trixie saltou e aterrou em segurança, um minuto antes de a sua aeronave se afundar, perdendo-se para sempre.

— Oh — suspirou Trixie, aninhando-se em Puck —, nunca mais quero andar de balão.

A Tia Rennie e os Duendes

*Dactiloscrito**, c. 1943, Middlebury College

Era uma vez um rapazinho pobre que tinha um padrasto cruel. Viviam numa pequena cabana, à beira de uma profunda, escura e densa floresta.

Um dia, o padrasto despediu-se do rapaz e disse: — Podes brincar no bosque até eu voltar. — E depois partiu em direção à aldeia para ir buscar comida.

Sem que o rapaz soubesse, o padrasto achava-o uma maçada e, no fundo, queria livrar-se dele.

Tanto quanto o padrasto sabia, não havia nenhum caminho na floresta escura. O rapaz obedeceu, não desconfiando de nada.

De repente, apercebeu-se de que estava perdido e adentrou-se mais na floresta, à procura de um caminho ou de algum marco, mas começou a chorar quando percebeu que o seu esforço era em vão.

Uma ou duas horas depois, deparou com um belo caminho ladeado por flores, entre as quais corria um regato ondulado. O rapaz decidiu tentar a sua

* Posto à venda em 2008, através da Bloomsbury Auctions. Ilustrado com dois recortes coloridos de Vernon Grant colados na página. A imagem maior tem como legenda: “— Percorro o mundo inteiro a transformar lágrimas em sorrisos felizes... — diz a Tia Rennie.” O *slogan* foi registado a 29 de janeiro de 1943 para a *Junket Rennet Powder*, que era utilizada para fazer sobremesas com coalhada. Assinado a lápis no fim: “Escrito por Sylvia”.

sorte, seguindo pelo encantador caminho. Pouco depois, chegou a uma casinha com uma luz animadora a derramar-se de uma das janelas, pois a noite começava a cair. Subiu os degraus da entrada e bateu à porta, que foi aberta por uma senhora minúscula, com menos de trinta centímetros de altura.

Ela fez uma educada vénia e disse: — Bem-vindo à casa da Tia Rennie, a morada dos duendes! — O rapazinho foi convidado a entrar e deram-lhe toda a espécie de guloseimas, incluindo gelado. Enquanto ele comia, a Tia Rennie contou-lhe que percorria o mundo inteiro a transformar lágrimas em sorrisos felizes. Depois perguntou-lhe se gostaria de morar com ela. Ele respondeu que teria muito gosto, pois já se esquecera do cruel padrasto e ansiava por uma vida feliz entre os duendes.

Entretanto, o padrasto regressara da aldeia e acabara de entrar em casa, quando se levantou um terrível vendaval que levou a casa e o homem lá dentro para muito longe. Desde então, nunca mais ninguém o viu, ao passo que o rapazinho vive feliz com os duendes.

O Tapete do País dos Livros

Manuscrito, c. 2 de dezembro de 1944, Lilly Library*

Era véspera de Natal e Jimmy e Joyce, os gémeos Johnson, estavam tão excitados que tinham a certeza de que não iam conseguir dormir.

Do lado de fora da sua janela aberta, ouviram uma voz cristalina a gritar: — Todos a bordo do Tapete do País dos Livros. — Os gémeos saltaram da cama, vestiram os seus roupões e correram até à janela. Que coisa prodigiosa! Junto dela flutuava um tapete mágico; no entanto, não se via ninguém nele, nem sequer a dona da voz melodiosa. Jimmy subiu para o tapete, arrastando Joyce com ele.

E lá foram eles, cada vez mais alto, por entre as estrelas geladas. Os gémeos não sentiam frio, enquanto olhavam para o mundo que passava lá em baixo. Estavam mesmo a ver terras diferentes, em vez de lerem apenas sobre elas. Iam-se sucedendo aldeias e cidades cobertas de neve, além de lojas e casas iluminadas. Os sinos das igrejas tocavam; ao longe soavam cânticos de Natal; estava tudo em paz. Embora cada terra desconhecida celebrasse o Natal de forma diferente, todas partilhavam a mesma ideia de paz e de felicidade. Os

* No seu diário de 1944, SP refere que está a escrever um “Folheto de Natal”, como trabalho de casa de Inglês, nos meses de novembro e dezembro. A 2 de dezembro de 1944, registou: “Depois do almoço, terminei o meu conto de Natal.”

gêmeos foram ficando com sono, à medida que atravessavam o noturno céu azul-escuro, iluminado por milhões de estrelas reluzentes. Iam-lhes chegando cânticos do mundo inteiro, que se misturavam numa só canção grandiosa, louvando o Senhor pelas Suas bênçãos. As estrelas e os planetas ecoavam em harmonia, rejubilando mais e mais. E, lá muito em cima, os anjos entoavam a mesma canção maravilhosa, que ecoava no mundo inteiro.

Canção de Primavera

*Escrita: c. 28 de março de 1946**

Publicação: The Phillipian (abril de 1946): 13

O Sol estava baixo no céu; um brilho rosado inundava a terra, Uma brisa suave circulava entre as sombras tranquilas do bosque; o ar estava fresco. O silêncio só foi interrompido pelo grito de um gaio-azul que atravessou as silvas. As árvores começavam a mostrar os seus incipientes rebentos verde-pálidos. Num lago fundo e escuro refletiam-se frondosos pinheiros. Um musgo espesso atapetava o solo da floresta. Tudo parecia esperar... esperar. Raios preguiçosos de sol estendiam os seus pálidos dedos de luz por entre os ramos ainda despídos das árvores. Pouco depois, uma manta de crepúsculo cinzento cobriu tudo. Então, no meio da noite, ouviu-se o canto doce das rãzinhas que anunciam a primavera.

O mundo relaxou. A suave música daquele canto erguia-se no meio do tamborilar da chuva primaveril.


O Lago na Primavera

*Escrita: c. 14 de maio de 1946***

Publicação: The Phillipian (junho de 1946): 26

O lago estava liso como vidro, agitado apenas por uma ocasional brisa que atingia ou contornava o ténue e curvo rasto de um alfaiate que percorria a sua

* A 28 de março de 1946, SP escreveu no seu diário: “Depois das aulas, enviei uma breve descrição para *The Phillipian*.” *The Phillipian* era o jornal escolar da Alice L. Phillips Junior High School.

** A 14 de maio de 1946, SP escreveu no seu diário: “Hoje não aconteceu nada de verdadeiramente importante, a não ser  ter vindo diretamente para casa a seguir às aulas. Estou a escrever uma entrada que vou transformar num texto para *The Phillipian* intitulado ‘O Lago na Primavera.’”

superfície. Manchas de luz mosqueavam as sombras escuras. No leito enlameado do lago, fios gelatinosos de ovos de rã estendiam-se entre os seixos. Junto a eles havia pequenos girinos, absolutamente imóveis, parecendo minúsculas vírgulas pretas.

Quando uma brisa crepuscular passou, trazendo uma onda de frescura, as árvores suspiraram e o lago estremeceu.

O Túmulo da Múmia

*Dactiloscrito**, 17–18 de maio de 1946, Lilly Library

Tinha vindo ao museu pesquisar sobre o Egito para o meu caderno de História. Passei pela enorme arcada e entrei na primeira das cinco salas que constituíam a coleção egípcia. As paredes altas pareciam húmidas e sombrias. A única coisa que iluminava a sala era a serena luz cinzenta de um dia de chuva. Sombras escuras espreitavam por trás das vitrinas e das estátuas, escondendo-se nos cantos. Um cheiro bolorento dominava o ar gelado que me atravessava os ossos. Encontrava-me sozinha neste memorial de tempos antigos.

Os únicos pontos luminosos eram algumas tapeçarias desinteressantes. Nas vitrinas havia algumas joias danificadas do período egípcio. Junto a uma parede havia imponentes blocos de pedra, gravados com figuras grotescas. Fiz algumas anotações acerca do tipo de material usado na época egípcia, e passei depressa para a sala seguinte.

Era inteiramente dedicada à cerâmica. Passei os olhos pela acumulação de obras tradicionais: as cores dominantes nos vasos eram o almagre, o verde-água e o preto. As figuras representadas eram pintadas em cores contrastantes. Eram-me familiares dos tempos da escola básica: rostos e pernas de perfil, busto e olhos de frente.

A terceira sala continha apenas uma entediante quantidade de ferramentas e utensílios usados pelos egípcios. Listei alguns deles e passei para a quarta sala.

* Embora o dactiloscrito tenha sido datado de 17 de maio de 1946 por SP, o seu diário inclui a seguinte passagem escrita a 18 de maio de 1946: “Depois do almoço, ambas escrevemos contos. Eu comeci um assustador policial (a roçar até o mórbido) intitulado ‘O Túmulo da Múmia’. Depois do jantar, deitámos as crianças e fomos então para o quarto da Margot, onde terminámos os nossos respetivos contos e pusemos em dia os nossos diários.” SP escreveu sobre um tema semelhante a este conto numa carta para Margot Loungway Drekmeier, a 17 de novembro de 1945, publicada em *The Letters of Sylvia Plath, Volume 1*. Uma cópia hológrafa de “O Túmulo da Múmia” foi vendida através da Bonhams a 11 de novembro de 2015. A Peter Harrington Rare Books pôs à venda a mesma cópia em março de 2023.

Nesta sala havia sobretudo cópias de mobiliário. Poucas peças verdadeiras enfeitavam as paredes.

A quinta sala, porém, fascinou-me. As paredes estavam cobertas de velhos sarcófagos, e no centro deste misterioso lugar estendia-se uma fileira de vitrinas baixas. Controlei o meu entusiasmo pelas múmias e aproximei-me primeiro da fileira de mesas. O meu olhar distraído foi subitamente arrebatado por algo que brilhava no meio dos pendentives. Passou-me pela cabeça que fosse um olho. Um olho *humano*! Costumo gabar-me de possuir um temperamento calmo, resistente e curioso, mas naquele momento comecei a tremer por dentro e por fora. A roupa colava-se-me ao corpo, húmida de suor, ao mesmo tempo que um calafrio gélido me subia pelas costas. Enquanto tentava refazer os resquícios confusos daquilo a que gosto de chamar a minha compostura, li a legenda por baixo do olho. Era apenas feito de ágata! No entanto, sob o meu olhar frenético, tinha um aspeto gelatinoso, e a pupila parecia dilatar-se ao fitar-me.

Afastei-me com alívio da vitrina e apressei-me a ver os seis sarcófagos. Os primeiros cinco eram interessantes: tinham-se soltado algumas lascas de tinta, o que lhes dava um agradável ar de antiguidade. Os rostos lisos e sérios desenhados no exterior dos sarcófagos olhavam diretamente para cima, como se tentassem ver além do pesado teto e obter um vislumbre dos céus soalheiros que não avistavam há tantos anos. Parei, espantada, em frente do sexto sarcófago. Dele saía um forte odor a carne putrefacta!

— É claro que não pode haver nenhuma múmia antiga aqui — disse para comigo.

De repente, ocorreu-me uma ideia horripilante... mas era demasiado improvável, demasiado horrível, para ser concebida pela mente humana. Enquanto pensava nisso, ouvi passos furtivos atrás de mim. Virei-me depressa.

Na minha cabeça, imaginei toda a espécie de espíritos sangrentos. No entanto, senti-me tranquilizada por uma risada rouca provinda do velhote enrugado ao meu lado ao perceber a minha surpresa. Disse-me então:

— Estava a observá-la de trás daquela coluna ali; vi-a a admirar o globo ocular na vitrina. Parece real, não é?

O velhote soltou outra risada das suas e levou-me de volta à vitrina. Senti que estava a ser impelida por algum feitiço invisível, inédito, tal como acontece em sonhos, quando estamos a ser perseguidos e não conseguimos mexer nenhum músculo. Impotente, vi o homem de cabelo branco tirar do bolso uma minúscula lupa, que colocou sobre o olho. Para meu terror, o olho mexia-se e fitava-me lastimosamente à medida que o homem deslocava a lupa sobre o hor-

rível órgão. Fui-me embora em bicos de pés, depois de lançar um olhar furtivo à figura curvada, ainda alegremente absorta no seu bizarro jogo.

Durante toda a noite, fui assombrada por ideias terríveis. Não conseguia adormecer, porque visões assustadoras de olhos líquidos e múmias vivas desfilavam diante de mim. Tentei convencer-me de que o facto de o olho ser real não passava de uma invenção do velhote, mas foi em vão.

Ainda estava a chover, quando os primeiros sinais da madrugada surgiram no horizonte. Acordei e vesti-me. Depois comecei a refletir sobre a melhor estratégia a seguir. Não era altura para gestos imprudentes. Às cinco e meia da tarde o museu fechava, e eu não poderia escapar ao sensor fotoelétrico. Tive, então, uma ideia: se ao menos resultasse! Entretanto já eram oito e meia, por isso tomei o pequeno-almoço com a dona da pensão e fui de seguida ao First National do bairro, onde comprei um pão e um frasco de manteiga de amendoim. Quando regressiei ao quarto, preparei quatro sandes de manteiga de amendoim e embrulhei-as em papel de cera antes de as colocar num saco de papel. Pus também de lado um chapéu de abas largas e um guarda-chuva. Às quatro horas, peguei nas sandes e no guarda-chuva, pus o chapéu na cabeça, puxei a gola do casaco para cima e apanhei o autocarro das 4h10 para o museu.

Quinze minutos depois, ao subir a escadaria de mármore, constatei que o museu estava vazio, com exceção de dois ou três guardas. Não havia ninguém por perto, quando passei pelo sensor fotoelétrico. Peguei, então, no guarda-chuva e passei-o pelo sensor como se alguém estivesse a sair. Levantei o útil guarda-chuva e percorri os longos e escuros corredores do museu. Ninguém me conseguia ver na escuridão cerrada, mas (engoli em seco) eu também não conseguia ver ninguém. Não tinha lanterna! Esquecera-me talvez da coisa mais importante. Com cuidado, atravessei depois o átrio que ia dar à sala egípcia. Encontrei um banco num canto escuro da entrada. Ali me deitei, tremendo de excitação. Devorei com fome as sandes e adormeci logo.

Não sei durante quanto tempo me agitei no meu sono perturbado ou o que me terá acordado, mas sentei-me e fui, então, surpreendida por um débil raio de luz que atravessava a noite escura como uma faca. Vinha da sala egípcia, da zona do túmulo da múmia! O pungente cheiro a carne podre chegou-me de novo às narinas. Entrei às escondidas na sala. O que ali vi deixou-me paralisada de horror. Sentia o corpo dormente, e só conseguia observar de forma impotente as ações quase inconcebíveis praticadas por um monstro desumano, desprovido de sanidade.

A luz da vela acesa no túmulo tremeluzia ao sabor das correntes de ar, projetando sombras assustadoras na parede. Essa luz permitiu-me entrever as feições

loucas do empregado de cabelo branco que já tinha conhecido — na véspera. Carregava um corpo *vivo*, enfaixado em ligaduras brancas, com aberturas apenas nos olhos e no nariz. A figura soltava gemidos abafados e contorcia-se. O empregado abriu depois o quinto sarcófago, ao lado daquele de onde vinha o peculiar cheiro. Para meu horror, vi que a metade de cima se abria como a tampa de um caixão e estava revestida de espigões compridos e afiados: decerto para torturar a vítima aprisionada! O empregado deitou, então, a criatura humana na caixa, mas não a fechou. Aproximei-me aos poucos, colada às sombras na parede. O empregado pegara, entretanto, numa colher afiada e inclinava-se para arrancar os olhos da vítima aterrorizada, quando me viu aparecer. Reconheceu-me!!

— Ah! — comentou, lançando-me um olhar de soslaio. — Conseguieste fugir ontem, mas hoje vai ser diferente. Vou abafar os teus gritos de angústia e deixar-te esvaír em sangue numa agonia terrível. Tens de ir ao encontro dos deuses egípcios. Vou cortar-te devagar os olhos e endurecê-los antes de os expor na vitrina.

Quando avançou na minha direção, bati-lhe com o guarda-chuva e ele caiu inanimado no chão com um baque surdo. Demasiados anos naquela silenciosa câmara de tortura tinham-lhe enfraquecido o coração e enlouquecido os sentidos. Soltei a rapariga, que desmaiara com o susto, e amarrei o empregado com o generoso rolo de gaze e fita adesiva. Depois percorri os corredores já familiares que iam dar ao escritório do museu, onde telefonei à polícia para contar que tinha descoberto a rapariga desaparecida, cuja fotografia fora publicada em todos os jornais, bem como o louco raptor e futuro assassino. Quando regresssei à fatídica sala para tranquilizar a rapariga restabelecida, o estrépito das sirenes policiais já fustigava o ar.

Na manhã seguinte, acordei por volta das dez horas com o telefone a tocar e atendi sonolentemente, pois ainda sentia o corpo dorido e uma dor de cabeça fortíssima. Era o chefe da polícia, que me contou que o empregado tinha confessado um assassinato e uma tentativa de assassinato antes de cair morto com um segundo ataque cardíaco. O chefe da polícia também me disse que o pai da rapariga me ia dar uma grande recompensa. Sorri ao lembrar-me dela e disse ao chefe da polícia para agradecer ao pai em meu nome, mas para lhe dizer que guardasse a recompensa. Depois de desligar, voltei para a cama, mergulhando de imediato num sono tranquilo, liberto de sonhos.